

Epidemiologia Linguística

Gustavo Godoy

“Agora até o mosquito dá doença. Não ‘tá bom a vida, a vida não, o movimento ... antes o mosquito não dava doença, só dava coceira!”

Comenta seu Geraldo sobre a dengue, antes do crescimento de casos de coronavírus.

Chegando do Pantanal, em março 2020, estávamos já na cidade de Corumbá, passagem de turistas que vão até as Terras Altas dos Andes para ver o que antigos indígenas fizeram por lá de monumental.

Eu e Kristina (Balykova) conversávamos com Eufrásia e seu esposo Geraldo. Eufrásia é um dos dois últimos falantes de guató, seu esposo não é indígena. Sabendo do coronavírus, queríamos alertar sobre o cuidado que os dois, velhos de mais de 70, deveriam ter ao andar por aí.

No dia anterior, seu Geraldo comentara que um vizinho parou o carro ao vê-lo andar pela rua e avisou que eles não deviam sair. Seu Geraldo disse que o vizinho é bom, mas que quase respondeu, pois seria uma “ôdácia” falar quando ele próprio poderia sair de casa. Não retrucou a audácia. Falamos a seu Geraldo que o vizinho dizia a verdade, que não era para ficar saindo. Observamos que o vizinho estava preocupado e que a doença era grande mesmo.

Eufrásia então comenta do “povo do Japão” [sic]:

*- “Mas onde já se viu comer morcego?! Que povo mais inútil!”
Sô Geraldo falou que Deus protegeria.*

Eufrásia é a última mulher a falar guató, língua que não passou para o seu único filho, fruto de um casamento anterior com um guató. As últimas crianças a aprenderem guató foram as filhas de sua prima mais velha, Estelita: três meninas, que começaram a falar na margem do rio Paraguai. Embora tenham sido as pessoas mais jovens a aprenderem no seio familiar, atualmente nenhuma delas sabe falar guató. O

motivo delas pararem de falar: a morte de sua mãe, Estelita, prima mais velha de Eufrásia, assassinada de sarampo.

Estelita morreu vítima do sarampo, no meio do Pantanal, quando a mais velha das três filhas tinha uns 15 anos. O guató Pedro, pai delas e falante de guató, abandonou as filhas. Desfez-se o último núcleo de transmissão geracional do guató. Foi a última vez em que o guató seria falado como “língua materna”.

As três meninas cresceram e esqueceram. Mostramos gravações da Eufrásia para uma delas, Vicência, a que tinha uns 15 anos na época em que a mãe morreu.

Eufrásia conta da morte de Estelita:

Aí ela morreu, coitada, por causa do sarampo. Ela já ‘tava com sarampo no corpo. Aí ‘tava brotando no corpo dela. Diz-que, eu num vi. Aí [Estelita] saiu p’ra catar roupinha de criança: cueiros, essas coisa, camisa de criança. Aí estava chuviscando. Aí [Estelita] pegou aquela garoa e atacou a febre. Então a febre trespassou [...].

Morreu jovem ainda, mas já era mãe de filho, de bastante filho. Coitada ela faleceu por causa disso porque a febre trespassou e negócio recolheu, diz que aboliu tudo por dentro. É foi onde perdeu a vida dela. Mas mulher nova trabalhadeira que ela era. Cuidava da roça, carpia, saia para pescar, cuidava das crianças lavava a roupa. Aí a coitada ‘cabou.

Eufrásia Ferreira não lembra direito de seu avô; era criança naquele tempo. Tem umas memórias, mas parece que é meio sonho. Enfim, lembra que se chamava Joaquim, mas não sabe qual era o nome dele em guató. Era Joaquim Ferreira, cujo nome foi anotado como “Jorítana”. Em 1938, estava vivendo no porto de uma fazenda. Rondon¹ o descreveu como um guató de 40 anos, embora aparentasse mais. Explica: a aparência de Joaquim estava assim pelo excesso de álcool. Sobre seu humor: apesar dos infortúnios, é bem humorado.

No ano de 1919, Joaquim perdera 3 filhos, por causa da gripe espanhola. Só restou Sabina Ferreira. Após sobreviver a uma pandemia, alguns anos depois, Sabina daria Eufrásia à luz. Eufrásia também não se lembra mais como se chamava a mãe em guató.

¹ RONDON, Frederico. 1938. *Na Rondônia Ocidental*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

O que sabia, Eufrásia conta de seu avô, o guató Joaquim:

Morava lá no aterro com nós. [...] Ele num tinha paradeiro, ele ficou sozinho né. Primeiro morreu a velha dele. Para no aterro onde nos tava, parava no aterro do titio João Quirino, assim ficava andan-dando. Achô farta da véia né. Depois foi indo, foi indo e faleceu também. Eu num alembro direito. Eu era criança daquele tempo. Aí ‘cabô os velho.

A Notícia de Rondon, de 1938, foi a última notícia sobre ao Guató antes de serem considerados extintos. Diz que o total deles não somaria uma centena, tendo o povo sido dizimado em 1919, pela gripe espanhola. Conta ele sobre o fim de um grande capitão:

Em 1919, sobreveio a gripe espanhola, que dizimou a população indígena do Pantanal e quase extinguiu o povo do capitão Fernando. Os sobreviventes se dispersaram pelas fazendas vizinhas. Por fim, o velho capitão foi morto pelos próprios filhos, a pauladas, numa de suas bebedeiras.



Gripes, sarampos, varíolas, escarlatinas: 1/4 da população humana já foi exterminada - por causa, entre outras, de epidemias.

Curitiba, 18 de abril de 2020

Gustavo Godoy é doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social e membro do subprojeto Guató, ProDoclin (Projeto de Documentação de Línguas Indígenas, Museu do Índio-RJ, UNESCO)